

# A FALÁCIA DO “NEM A ESQUERDA NEM À DIREITA”: A FEBRE DE GRUPOS ARMADOS

Janet Biehl<sup>1</sup>

**Resumo:** o artigo analisa criticamente os grupos armados dos EUA e a suposta posição libertária desses grupos. Dissecando a origem supremacista, individualista e liberal desses agrupamentos de direita. A autora desmonta a ideia de que esses grupos não seriam “nem de direita nem de esquerda”, demonstrando que tais agrupamentos se enraízam numa tradição política da extrema-direita dos EUA.

**Palavras-chave:** comunalismo, municipalismo libertário, grupos armados, EUA, liberalismo

Atualmente, o debate político pendeu consideravelmente, em quase todos os lugares, para a direita. A direita está em alta enquanto a esquerda definha em escombros, é muito comum se ouvir “nem a direita nem à esquerda!”. Poucos direitistas colocam essa frase em questão, mas também, por que fariam? Suas visões políticas estão sendo postas em práticas em diversos continentes atualmente. O fato é; o debate político tem empurrado goela a baixo da esquerda, como no restante da sociedade, uma visão mais conservadora e a glorificação do mercado.

Ainda que esse grito tenha se tornado mais comum com a queda da regime Soviético, ele não foi criado nesse período. *Realo Greens*<sup>2</sup> eram conhecidos por definir seu partido como “nem de esquerda nem de direita” já no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Ainda antes deles, neste século, no período entre guerras, fascistas europeus que pretendiam rejeitar tanto o capitalismo quanto o comunismo usavam o conceito de “terceira via”. Durante a Guerra Civil Espanhola, os Falangistas<sup>3</sup> se reivindicavam como “nem de esquerda, nem de direita e nem de centro”, como disse esse fazendeiro:

Éramos um movimento com espírito próprio, não pretendíamos defender os ricos mas também não queríamos colocar o pobre acima do

---

<sup>1</sup> **Nota do editor:** Janet Biehl é uma intelectual e escritora norte-americana que escreve sobre variados temas, como o municipalismo libertário, a ecologia social e a questão curda. É autora de dezenas de livros.

<sup>2</sup> **Nota da Tradutora:** Uma vertente do partido Verde Alemão, conhecida por favorecer políticas moderadas e por fazer oposição a outra vertente, a vertente dos Fundis, abreviação de fundamentalistas, dentro do partido Verde Alemão.

<sup>3</sup>N/T: Organização espanhola de inspiração Fascista

rico. Em muitos pontos, concordávamos com os socialistas. Mas eles eram materialistas revolucionários e nós éramos revolucionários espirituais. O que nos diferenciava mais era o ódio pelo capitalismo, que eles tinham tanto e nós não tínhamos. Os marxistas declaravam guerra a qualquer um que possui riquezas, nossa ideia era que a direita deveria abrir mão de uma parte de suas riquezas para possibilitar que outros vivam melhor.

#### **Fazendeiro falangista<sup>4</sup>**

Recentemente, a insurgência de movimentos de grupos armados tem ocasionado ainda mais rejeição pela dicotomia direita-esquerda. No jornal esquerdista “*Nation*”, Alexander (nome censurado)<sup>5</sup> descreveu um ato Patriótico em Michigan como “agradável”. O “*Boston Globe*” diz a seus leitores que o movimento “*Freemen*” em Montana, que é ligado a grupos armados<sup>6</sup> e religiões apocalípticas, “não se enquadra no espectro político de direita ou esquerda”. Jason McQuinn, o antigo editor de “*Anarchy: A Journal of Desire Armed*” e atual editor de “*Alternative Press Review*” entende direita e esquerda como dois lados de um mesmo problema:

Tanto a direita quanto a esquerda viram sua falência neste século. E nenhum dos dois lados merece nossa lealdade. Já passou da hora de criticarmos duramente essas duas vertentes, como elas merecem, para que possamos aproveitar seus pontos positivos e descartar o que não presta. Deve-se reconhecer, porém, que a esquerda geralmente se empenhou muito mais na defesa do comunalismo e solidariedade internacional, de formas que a direita nunca nem concebeu. Mas ambos, direita e esquerda, estão em conluio no seu apoio ao desenvolvimento do capitalismo, como dois lados “opostos”.

#### **Jason McQuinn<sup>7</sup>**

---

<sup>4</sup> **Nota da Autora:** Como disse Alberto Pastor, um fazendeiro falangista, a Ronald Fraser em “*Blood of Spain: An Oral History of the Spanish Civil War* (New York: Pantheon Books, 1979)”. Agradeço a Gary Sisco por me mostrar essa passagem

<sup>5</sup> **N/A:** Alexandre (nome censurado): “Who’s Left? Who’s Right?” *Beat the Devil, Nation* (June 12, 1995), p. 820.

<sup>6</sup> **N/T::** o texto original trabalha com o termo “*Militia*”, que se traduz comumente como “*milícia*”. Considerando o peso cultural que esse termo assumiu no Brasil, para evitar confusões e não deixar margem para interpretações erradas de quem compõe a “*Militia*” nos Estados Unidos, se optou pelo uso do termo “*grupos armados*”.

<sup>7</sup> **N/A:** Jason McQuinn, “*Conspiracy Theory vs. Alternative Journalism?*” *Alternative Press Review* (Winter 1996), p. 2

Já o autor e editor libertário Adam Parfrey aponta que a própria esquerda institucional sustenta essa distinção entre esquerda e direita, já que ela “propositalmente torna tênue a linha que divide pessoas da direita anti-establishment e da esquerda anti-establishment”, considerando que esta esquerda institucional também serve aos interesses do sistema vigente<sup>8</sup>. Após o bombardeio da cidade de Oklahoma, o autor diz que as grupos armados serviram, infelizmente, como um “bode expiatório, uma justificativa para agências de inteligência iniciaram uma corrida precipitada em direção a uma distopia tecnocrática, onde cada transação financeira é instantaneamente monitora por computadores operados pelo *Fortune 500* e sua força policialesca onipresente”. Aqueles que criticam o movimento de grupos armados, como a *Anti-Defamation League*, *Southern Poverty Law Center* e *Political Research Associates*, também servem ao propósito de intencionalmente tornar tênue a linha que divide direita e esquerda anti-establishment, segundo Parfrey. Chip Berlet, do *Political Research Associates*, argumenta por uma “purificação ideológica” que “cria divisão entre os indivíduos”, enquanto Holly Skylar, em seu livro *Trilateral Commission*, aponta por uma “teologia cripto-socialista”. Dessa forma, ambos sustentam o argumento de Parfrey.

Essa visão nem-direita-nem-esquerda de Parfrey foi acolhida nas páginas de *Alternative Press Review*, dirigida por McQuinn. Essa acolhida reflete a guinada de um dos maiores editores anarquistas estadunidenses para longe das raízes de esquerda do movimento anarquista. Alguns membros de grupos armados ficaram felizes com essa guinada à direita de McQuinn e Parfrey. Bob Fletcher, principal propagandista da Grupo Armado de Montana, diz “não queremos saber de esquerda e direita, conservadores ou liberais, todos esses rótulos de merda. Vamos voltar ao ideal de mocinho e vilão, governos virtuosos- o governo estadunidense honesto, justo e limpo que todos fomos levados erroneamente a crer que existia<sup>9</sup>”.

---

<sup>8</sup> N/A: Parfrey defende esses grupos os eximido da culpa do bombardeio de Oklahoma (que ele acredita ser equivalente ao incêndio de Reichstag, crucial para estabelecimento da Alemanha nazista). Suas especulações rebuscadas tentando dissociar o movimento de grupos armados de McVeigh e também mostrá-lo como inocente do bombardeio Segundo ele, as agências de inteligência usaram dublês para incriminar McVeigh e Terry Nichols nos grupos armados e que tinham sido implantados microchips nas nádegas de McVeigh, que permitiam sua rastreio. Parfrey vai além de apenas defender os princípios dos grupos armados contrários ao cartel tecnocrata corporativo governamental, como ele alega, na realidade ele parece concordar com muitas das visões dos grupos armados. Ele consegue até defender a existência do notório grupo Helicópteros Negros .Adam Parfrey, “Finding Our Way out of Oklahoma,” *Alternative Press Review* (Winter 1996), pp. 60–67, esp. pp. 63, 67; reprinted from Adam Parfrey, *Cult Rapture* (Portland, OR: Feral House, 1995).]

<sup>9</sup> N/A: Michael Kelly, “Road to Paranoia,” *New Yorker* (June 19, 1995), pp. 60–75, esp. 63.

De alguma forma, todo estadunidense de todas as vertentes políticas recebeu uma educação libertária. Os Estados Unidos nasceram de uma revolução e alguns dos mais reverenciados “Pais Fundadores” exaltavam o direito de se fazer uma. Uma traição óbvia da pedra basilar da promessa Estadunidense - o ideal de democracia - poderia incitar uma rebelião, mesmo considerando um tempo histórico onde o capitalismo está profundamente enraizado na vida social estadunidense. Forças antidemocráticas que servem a interesses de uma minoria privilegiada no lugar de atender aos interesses do povo perceberam que devem ou agir em segredo ou entorpecer a população através da mídia de massas. Ainda assim, a suspeita sobre governos persiste, até se intensifica hoje em dia, quando as instituições da República Estadunidense estão cada vez mais comandadas por mestres do capitalismo. Porém, a desconfiança em relação ao governo não foi acompanhada por uma desconfiança pelo sistema capitalista, mesmo que a pilhagem das corporações tem sido tão extrema que deu origem a movimentos como os Populistas de 1980, que entendem a “criatividade destrutiva” do capitalismo como uma traição do Sonho Americano.

Esse mês faz um ano que um grupo armado recebeu atenção nacional, denunciando a “tirania de um governo desertor e fora de controle<sup>10</sup>”. Após os ataques fracassados a grupos armados separatistas em *Ruby Ridge*<sup>11</sup> (onde um sniper do FBI matou duas pessoas) e a grupos de religiosos apocalípticos em *Waco*<sup>12</sup>, o sentimento geral era de que o governo estava tirando direitos de cidadania de estadunidenses. Principalmente o direito de se ter uma arma, com a lei *Brady*<sup>13</sup>, que autorizou o início do controle de armas. Esses sentimentos latentes foram intensificados por um luto real entre os trabalhadores estadunidenses, causados pelas reestruturações nacionais e globais, que trouxeram diminuição de salário e demissões. Ressentimentos foram inflamados e grupos armados foram formados em pelo menos quarenta estados.

Esse movimento jurou prezar pela soberania estadunidense, contrário a forças internacionais que pareciam querer diminuí-la na “nova ordem mundial”. A Comissão

---

<sup>10</sup> N/A: Militia of Montana Web site: [www.nidlink.com](http://www.nidlink.com)

<sup>11</sup> N/T: Ruby Ridge foi o local de um cerco em Idaho, em agosto de 1992, onde as famílias Weaver e Harris pegaram em armas e resistiram à tentativa dos agentes do US Marshal de cumprir um mandato de busca referente a posse ilegal de armas de fogo.

<sup>12</sup> N/T: Waco foi outro cerco no Texas em 1993, influenciado pelo cerco de Ruby Ridge, onde autoridades governamentais tentaram fazer uma prisão dentro de um rancho de um seita religiosa, que também pegou em armas para resistir.

<sup>13</sup> N/T: Lei Brady de prevenção de violência por armas de fogo. Uma lei estadunidense que exige checagem de antecedentes criminais para compra de armas de fogo.

Trilateral, o Conselho de Relações Exteriores, a *Federal Reserve*, tratados de comércio exterior como NAFTA e GATT, até a ONU, todos já foram duramente criticados pela esquerda e, agora, os grupos armados veem essas instituições como componentes de uma “nova ordem mundial” que subverte a soberania estadunidense. Eles as entendem como uma conspiração global, onde mãos invisíveis e poderosas manipulam o governo e a economia estadunidense.

O conspiracionismo não é recente, como escreveu recentemente Michael Kelly no *The New Yorker*. Esse movimento é datado do fim do século XVIII, onde alguns começaram a acreditar que alguns indivíduos tinham colocado em prática seus planos através de sociedades secretas e semi-secretas que atravessaram séculos e culturas, desde os novos cristãos e judeus cabalísticos, até os cavaleiros templários do século XII, passando pelos Rosacruzes do século XV, os Illuminati da Baviera do século XVIII, até os Maçons e os manipuladores do século XX - o Conselho de Relações Exteriores, os Bulderbergers e A Comissão Trilateral. Através dos séculos, os manipuladores sedimentaram o caminho para o Mundo Único, eles foram os causadores de tudo, desde a Revolução Francesa e Russa até a criação da *Federal Reserve*, ONU e Guerra do Golfo<sup>14</sup>.

Na incipiente ideologia dos grupos armados, Helicópteros Negros<sup>15</sup>, a polícia de Hong Kong, microchips subcutâneos e programas para mudar o clima todos fazem parte de um plano conspiratório mundial. Um exército representando a “Nova Ordem Mundial”, composto por tropas da ONU e gangues urbanas estaria prestes a ocupar os Estados Unidos e transformar seus cidadãos em escravos. O grupo armado de Montana, um dos primeiros e mais influentes grupos armados, alerta que “Os Manipuladores, que querem o mundo único e socialista, estão traiçoeiramente subvertendo a constituição para transformar os cidadãos de Montana em escravos e os Estados Unidos da América, bem como o mundo todo, em uma única república Socialista<sup>16</sup>”.

O que sobrou da esquerda argumenta contrariamente, com igual ardor, à globalização em curso e à centralização da política social, bem como de forças

---

<sup>14</sup> N/A: Kelly, “Road to Paranoia,” p. 61. O artigo de Kelly, porém, parece não acreditar que pessoas possam ter queixas sociais reais e realmente buscam repará-las. Para Kelly, até uma revolução de esquerda contra o capitalismo parece ser baseada em uma análise conspiratória.

<sup>15</sup> N/T: Um grupo dentro do Movimento de Grupos Armados que acredita em teorias da conspiração envolvendo militares estadunidenses, OVNI e homens de preto

<sup>16</sup> N/A: Militia of Montana Website, ibid

econômicas. Mas sua objeção não está ligada a uma suposta ameaça à soberania estadunidense, de forma a não apelar para o patriotismo. Nem as velhas análises de esquerda apontam uma conspiração sinistra que manipula o curso da história. Ao contrário, indicam com razão que uma força social específica está drenando o controle das pessoas sobre sua vida e pulverizando suas comunidades, tornando a vida social uma *commodity* e espoliando a biosfera, enfraquecendo as relações de convívio e reduzindo pessoas a escravos assalariados quando elas estão trabalhando e consumidores alienados no restante do tempo. Esse sistema é o capitalismo.

Certamente elites manipuladoras existem, de acordo com Holly Skylar, autora de *Trilateralism*, mas elas não são conspiratórias:

Desde o início do século XX essas organizações têm um papel fundamental - não conspiratório, mas como órgãos planejadores, uma diferença fundamental - no planejamento não só da política estadunidense, mas na política global. Eu gostaria de diferenciá-la como eu vejo a Comissão Trilateral de como uma teoria da conspiração a vê. Não é uma conspiração que controla tudo e todos. É o órgão mais importante de planejamento internacional e construção de consenso entre a Europa Ocidental, Japão, Estados Unidos e Canadá, que representa interesses de corporações globais e bancos - corporações como Exxon, General Motors, Sony, Toyota, Siemens e etc... Muitas pessoas acreditam ou numa conspiração que controla tudo e todos o tempo todo ou que não existem instituições internacionais importantes cuja as motivações e objetivos precisamos entender. Muitas pessoas veem a Comissão Trilateral dessa forma, ou uma conspiração ou uma piada. Isso é um absurdo.

**Holly Skylar<sup>17</sup>**

Alguns esquerdistas parecem ter colocando em suspenso um entendimento racional de forças econômicas e sociais para simpatizar com os grupos armados. O canto da sereia do conspiracionismo, com suas explicações fáceis e suas fugas distópicas, torna fácil esquecer as esmagadoras estruturas sociais que produzem a miséria no mundo atual. “Esse é o terreno”, como diz Philip Smith, “onde o Lobby da Liberdade se encontra com a esquerda, onde a Comissão Trilateral comanda o mundo, onde aqueles que tinham protestado contra a guerra do Vietnam se juntam a grupos armados para se defender da

---

<sup>17</sup> N/A: David Barsamian, “Militias and Conspiracy Theories: An Interview with Chip Berlet and Holly Sklar,” *Z Magazine* (Sept. 1995), pp. 29–35, esp. 30.

“Nova Ordem Mundial”. “A distinção entre direita e esquerda pode cair no esquecimento, onde “o capitalismo e o comunismo são meras facetas da Única Conspiração<sup>18</sup>”. O anarquista McQuinn sustenta que, enquanto devemos sempre nos lembrar de nossas análises sociais, não devemos nos fechar a teorias da conspiração: ele investiga e expõe “os mecanismos do mundo real, mesmo que eles nos levem a explicações conspiracionistas ou explicações estruturais, ou as duas.”. Enquanto Parfrey, um verdadeiro conspiracionista, defende que os grupos armados são parecidos conosco, anarquistas, embora mal informados, já que “o homem que se junta a um grupo armado, que acredita em teorias maniqueístas e tem sonhos apocalípticos também é um problema para a rede interligada entre governos, corporações privadas, fundações, universidade e mídia.”

### **Grupos Armados Antiestatistas**

Grupos armados compartilham algumas visões políticas com a esquerda tradicional, incluindo os libertários de esquerda.<sup>19</sup> De fato, a ideologia desses grupos armados guarda alguma semelhança com o anarquismo, não só na oposição a “nova ordem mundial”, qualquer que seja a definição dessa ordem, mas também o comprometimento com a resistência à tirania de governos como forma de defesa a direitos individuais. Nesta passagem, que poderia ter sido dita por qualquer esquerdista que leve a sério o legado da Revolução Americana, o Grupo Armado de Montana diz que pretende “Se opor a qualquer plano de governo que use a força do Estado contra o povo”.

Quando as leis e os estatutos são injustos para a maior parte da pessoas, o povo irá, com razão, se revoltar, e o governo terá que acatar, sem dar um tiro, porque os grupos armados estarão vigilantes, defendendo o direito do povo de lutar por seus direitos e liberdades. A razão de ser do Estado é a proteção dos direitos do povo, quando essa razão de ser é descuprida, os grupos armados se colocam a disposição do povo e carregam o sobre os ombros os direitos da população.

---

<sup>18</sup> N/A: Philip Smith, “Off the Shelf” (book review section), *CovertAction Quarterly* (Spring 1996), pp. 64–66, esp. 64.

<sup>19</sup> N/E: Enquanto que no Brasil, o termo libertário é um sinônimo de anarquista, nos EUA o termo libertário também é utilizado pela direita liberal e usado por anarquistas que rejeitam a filiação histórica do anarquismo ao socialismo. Por isso a autora usa o termo libertário de esquerda, para se referir aos anarquistas que aceitam que esta ideologia política é uma ideologia política socialista e libertária.

### **Grupo Armado de Montana <sup>20</sup>**

Nessa fala, que não seria estranha se partisse de alguma organização da esquerda tradicional, os grupos armados pedem ao povo que se arme, para que defenda seus direitos individuais

A segurança de um Estado livre... se encontra numa cidadania treinada, preparada, organizada, equipada e propriamente liderada para que, se o governo ousar utilizar a força contra seus próprios cidadãos, o povo possa responder em maior número e defender seus direitos... Lembrem-se das palavras de Thomas Jefferson, onde ele diz que o principal motivo da Segunda Emenda é garantir que estadunidenses tenham, como último recurso, a possibilidade de se defender contra um governo tirano..”

### **Grupo Armado de Montana <sup>21</sup>**

Mesmo que esse chamado a se armar hoje em dia seja pouco comum na esquerda, eles já foram bastantes comuns no extremos do espectro político. Em um dos encontros da Segunda Internacional em Stutthart, em agosto de 1907, o congresso adotou uma resolução assinada por Lenin e Luxemburgo que advogava pelo estabelecimento de grupos armados.

O Congresso vê a organização democrática do Exército, ou os grupos armados populares que eventualmente tomam lugar do Exército regular, como essenciais para evitar guerras desnecessárias e apagar as diferenças entre nações.

### **Lenin e Luxemburgo, 1907<sup>22</sup>**

Estruturalmente, por suas formas de organização em redes e não centralizada, os movimentos de grupos armados se assemelham ao movimento anarquista tradicional. Os grupos locais são coordenados “por comitês de correspondência, que é o método

---

<sup>20</sup> N/A: Em Kenneth S. Stern, *A Force Upon the Plain: The American Militia Movement and the Politics of Hate* (New York: Simon and Schuster, 1996), p. 76.

<sup>21</sup> N/A: *Ibid.*, p. 71.

<sup>22</sup> N/A: Em J.P. Nettl, *Rosa Luxemburg*, abridged ed. (New York/London/Oxford: Oxford University Press, 1969), pp. 270–71.

tradicional<sup>23</sup>”. “Esses comitês não tentam agir como organizações regionais, estatais ou nacionais. Eles existem para facilitar a “comunicação entre grupos locais, compartilhando literatura e construindo consensos para ação.” Todo movimento “deve estar comprometido com a mesma causa... mas estratégias específicas devem ficar a critério de cada grupo<sup>24</sup>.” Em outras palavras, os membros de grupos armados pensam globalmente mas atuam localmente.

Novamente ecoando a oposição anarquista a hierarquia e elites vanguardistas, a ideologia de grupos armados advoga por uma “resistência sem lideranças”. De acordo com esse conceito, “todos os indivíduos e grupos operam de forma independente um dos outros e nunca reportam a um quartel general central ou uma única liderança, nem esperam direcionamentos ou ordem de entidades dessa natureza.” Refletindo essa descentralização, o movimento foi organizado massivamente através de grupos de internet e fax, o que possibilitou uma grande disseminação de ideias sem a velha dependência de um único líder demagógico e comovente. O propósito dessa “liderança sem resistência” é “a derrota da tirania estatal... Como o nevoeiro, que se forma quando as condições são propícias e desaparece quando não, assim deve ser a resistência à tirania<sup>25</sup>”.

Estrutura descentralizada, táticas e ação, os objetivos do movimento também são descentralizadores. Membros de grupos armados favorecem unidades políticas locais, definem a si próprios a partir da localidade que se encontram, negando a legitimidade de entidades políticas para além da localidade. De acordo com a *Constitution Society*:

O grupo armado, como a cidadania, é fundamentalmente local. Somos, antes de tudo, cidadãos da nossa comunidade local. A palavra “cidadão” tem a mesma origem da palavra “cidade”. Mesmo que pessoas possam, concomitantemente, ser cidadãos de entidades políticas maiores, como estados e nações, e mesmo que essas entidades possam ser consideradas compostas por cidadãos, elas são essencialmente compostas por localidades. A comunidade local é a base para o contrato social, mesmo que possa se considerar que ela é composta também por territórios que a margeiam. Hoje em dia, geralmente identificamos a localidade a partir do condado.

---

<sup>23</sup> N/A: Constitution Society, “What Is the Militia” (1994), Web site: [www.scimitar.com](http://www.scimitar.com)

<sup>24</sup> N/A: Em Stern, Force, p. 37.

<sup>25</sup> N/A: *ibid.*, p. 36.

## Constitution Society<sup>26</sup>

O condado como órgão de governo com maior legitimidade é uma ideia antiga da extrema direita. Ela deriva, fundamentalmente, da “*Posse Comitatus*”, um movimento supremacista branco que rejeitava autoridade governamental e defendia a soberania popular. Hoje um movimento de supremacia de condados trouxe problemas legais a autoridades federais por conta de terras públicas, dizendo que essas terras deveriam ser geridas pelo condado. A noção de democracia direta, porém, é rara dentro do movimento de grupos armados. O xerife é o cargo mais alto sujeito a eleição, mas a natureza de seu poder e sua responsabilidade são indefinidos, deixando em aberto possibilidades autoritárias. Também não se fala sobre autogestão comunitária e pouco é dito sobre autogoverno nas cidades, onde a maior parte das pessoas reside hoje em dia.

Nesse sentido, é interessante comparar a ideologia dos grupos armados e o municipalismo libertário, a dimensão política da ecologia social. A ecologia social é um legado da esquerda tradicional, ela observa a vizinhança, o bairro e a cidade como espaço da democracia popular direta. Sua política primária visa o desenvolvimento de cidades livres através de um processo de educação cívica, criando cidadãos fora da lógica vigente de constituintes e contribuintes, mostrando ao povo desempoderado o poder da cidadania em assembleia, exercitando seu poder de autogoverno e expandindo as instituições democráticas já existentes na municipalidade, as custas do estado. Como bem sabem os leitores de *Green Perspectives*, o municipalismo libertário advoga que essas cidades livres e democratizadas poderiam ir escalando sua dimensão até uma confederação, constituindo um poder dual e eliminando o estado-nação.

Essa é a quintessência do processo social revolucionário. O movimento de grupos armados, por outro lado, não advoga por esse processo e não oferece nenhum conceito de cidadania ou educação cívica. Também não explica como uma sociedade gerida a partir de condados deve ser organizada social, política e economicamente. No lugar disso, sua tática é centrada em armar a população, e por armar a população geralmente se entende indivíduos armados agindo individualmente, como se recusando a pagar imposto, obter números de seguridade social ou usar carteira de motoristas ou placas de carro. Seus heróis são fortes, até indivíduos estilo Rambo, como Bo Gritz, que teve David Duke<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> N/A: Constitution Society, Web site.

<sup>27</sup> N.E. Líder da Associação do Rifle, herdeira da Klu Klux Klan.

como companheiro de chapa na eleição presidencial de 1992 pela facção eleitoral de neonazistas e membros do Ku Klux Klan que atende pelo nome de Partido Populista.

Outra ação comum é declarar um área, ou até uma única fazenda ou habitação como soberana – fora da jurisdição legal dos Estados Unidos. Uma teoria obscura (conhecida como Título Alodial), datada de tempos feudais e que a leitura aprofundada da Grupo Armado de Montana pretende validar afirmações de que indivíduos donos de terra podem ser considerados soberanos. Daí a localidade conhecida como “*Freemen*”, no nordeste de Montana, rebatizada de Cidade Justus, e muitas outras localidades pelo país.

Quanto a definição de seus inimigos, os grupos armados tendem a confundir indivíduos e instituições. Isso é, eles definem como alvo não uma ordem social, mas indivíduos, ameaçando de morte membros específicos de grupos – servidores públicos, simplesmente pelo fato de ocuparem cargos públicos. Grupos armados já enviaram ameaças de morte a senadores e autoridades locais. Em 1995, a cidade de Justus, membros do “*Freemen*”, colocaram uma recompensa milionária pela cabeça do xerife do condado de Garfield - eles disseram que iriam julgá-lo através de suas próprias leis e enforcá-lo se o considerassem culpado. Eles ameaçaram enforcar o procurador do condado em uma corda na ponte, sem mesmo a cortesia de um julgamento com leis próprias. Dois outros “*Freemen*” também enviaram ameaças de morte a um juiz distrital em Billings. Essas táticas não advogam por uma revolução social, mas sim a atos privados de assassinato a sangue frio.

## **Constitucionalismo**

Apesar de sua crença em um governo a nível de condado, os membros de grupos armados geralmente dizem defender a constituição dos Estados Unidos e a Carta de Direitos. Para impedir a tomada dos Estados Unidos pela Nova Ordem Mundial, O Grupo Armado de Montana anunciou “defender a Constituição dos Estados Unidos da América e a Constituição do Estado de Montana contra todos os inimigos, internos ou externos<sup>28</sup>.” Em um país que ainda referenda uma constituição de duzentos anos atrás, esse discurso não está destoante de discursos políticos convencionais. Na verdade, o apelo da

---

<sup>28</sup> N/A: Militia of Montana Web site.

constituição dentro de partes do grupo armado é tão grande que alguns se chamam de “constitucionalistas”. Para libertários como Parfrey, a defesa das liberdades civis por parte dos grupos armados é um ponto a favor deles. “Grupos armados continuam majoritariamente defensivos” ele diz “protestando contra a erosão da constituição, direitos... Grupos armados estão certamente prontos para reagir caso o governo continue a rasgar a constituição, querendo acabar com o direito de se armar, sufocando a liberdade de expressão ou destruindo o direito de liberdade de associação<sup>29</sup>. Progressistas podem até ter alguma simpatia por um grupo de pessoas tão dispostas a defender a Carta de Direitos, tão comprometidas que estariam dispostas a sacrificar a própria vida.

Esse comprometimento, porém, não é o que ele parece. Grupos armados como os de Montada recrutam novos membros usando justamente essa linguagem incontestável na visão do senso comum conservador, se valendo de pautas como controle de armas, regulamentação ambiental ou aborto. A Constituição e a Carta de Direitos que esses membros de grupos armados defendem não é a mesma lei fundamental dos Estados Unidos. Na visão deles, apenas a Constituição original, como saiu da convenção de Filadélfia em 1787, em conjunto os dez mandamentos originais da Carta de Direitos, são válidos. A Constituição deve ser interpretada de forma rígida, como foi originalmente escrita, como os fundamentalistas leem a Bíblia. E deve ser lida considerando o tempo que foi escrita, não a partir de nenhuma jurisprudência posterior. A época da adoção da constituição original, a maior parte dos cidadãos eram homens brancos cristãos que gozavam de seus direitos concedidos por Deus – eram o que os grupos armados chamam de “cidadãos orgânicos”. É certamente a essas cidadãos que a Grupo Armado de Montana se refere quando diz “somos dedicados a preservar as liberdades de todos os cidadãos... Dos Estados Unidos da América<sup>30</sup>”. Considerando que judeus não são cristãos, eles não fazem parte da política como definida pela Constituição original. Contrário ao senso comum conservador, porém, a constituição original não privilegia nenhuma religião, a Primeira Emenda proíbe o Congresso de fazer leis “que instauram uma religião”

As emendas constitucionais posteriores ao número dez - como as que protegem os direitos dos escravizados recém libertos e concedia a mulheres o direito ao voto – não eram parte da Constituição original e não devem ser considerados legais ou obrigatórios. Pessoas que ganharam seus direitos apenas após essas emendas são chamados de cidadãos

---

<sup>29</sup> N/A: Parfrey, “Out of Oklahoma,” p. 67

<sup>30</sup> N/A: Militia of Montana Web site.

“Estadunidenses da Décima Quarta” e tem seus direitos e deveres apenas sob a Constituição emendada. As emendas adicionais, porém, invalidam a Constituição e, de alguma forma, homens brancos não precisam obedecê-la. De fato, visto que eles não receberam direitos na Décima Quarta emenda, eles não são necessariamente cidadãos sob a Constituição Emendada.

Para negar sua associação com o presente sistema governamental, de forma teatral alguns membros de grupos armados tem renunciando publicamente sua cidadania. Um grupo que fez explicou suas razões para um jornal local em Ravalli, Montana:

Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Eu solenemente declaro minha negação a Cidadania Americana e declaro minha filiação à jurisdição estrangeira conhecida como Distrito de Columbia, uma Democracia. Todos e quaisquer, passados e presentes, os vínculos políticos implícitos por força da lei ou de outra forma confiados à dita democracia são aqui dissolvidos. Por meio desta emancipação, eu retorno a um estado de soberania primária e liberdade que preexiste a todos os governos<sup>31</sup>.

Presumidamente, eles retornaram ao “estado de natureza” – o indivíduo soberano, isento da necessidade de obedecer qualquer lei além da “Lei comum”, o governo que eles fizeram para eles mesmos, e a Bíblia. De fato, homens brancos cristãos supostamente estariam isentos de pagar impostos federais, já que a IRS foi criada por uma emenda posterior. Considerando que “O Código de Receita Interna é uma violação da Constituição”, indivíduos têm o direito de se defender contra a IRS se ela interferir em seu território soberano<sup>32</sup>. A IRS, claro, é uma arma do Estado, e não seria parte da sociedade anticapitalista, pós-escassez que os ecologistas sociais defendem, “impostos” seriam apenas relevantes se pessoas em assembleias decidissem que eles são necessários de alguma forma e o implementasse de uma forma tendo como base uma democracia direta. Mas os “*Freemen*” não precisam pagar impostos por outros motivos, um deles foi exposto em 1996, na ocupação de uma fazenda em Montana. Rodney Skurdal explicou “Se nós da raça branca somos o povo escolhidos por Deus... E nosso Deus disse “a terra é minha”, por que estamos pagando impostos em Sua Terra<sup>33</sup>?” (por sua recusa em pagar

---

<sup>31</sup> N/A: Em Stern, Force, p. 82.

<sup>32</sup> N/A: *ibid.*, p. 51.

<sup>33</sup> N/A: *ibid.*, p. 51.

impostos, a própria propriedade de Skurdal já havia sido confiscada pela IRS). Se os “*Freemen*” são isentos de pagar impostos, os cidadãos da décima quarta emenda não são tão sortudos – eles devem pagar impostos. Na verdade, uma leitura ultrajante e deturpada da própria emenda que garantiu a liberdade a negros foi interpretada de forma que negros deveriam voltar a ser escravizados.

Hoje em dia, nos Estados Unidos, discursos ultra racistas são inaceitáveis na esfera do debate político, então aqueles que desejam expressar seu ódio racial usam palavras-códigos para se fazer entender. Mais recentemente, nas eleições presidenciais primárias do Partido Republicano, Patrick Buchanan fez referência à latinos usando a palavra-código “José” e a judeus usando “Goldman Sachs” e “Estudantes de Brandeis”; ele expressa sua supremacia étnica não apenas utilizando palavras depreciativas, mas também defendendo o hasteamento da bandeira Confederada. De forma similar, o “Constitucionalismo” da ideologia dos grupos armados é essencialmente, uma forma dissimulada de expressar racismo. Um grande número de supremacistas brancos hoje em dia se valem dessa forma, se dizendo “Cristãos Patriotas” e advogando por um “Constitucionalismo” que exclui negros, judeus e mulheres da política estadunidense.

Os “*Freemen*” das fazendas de Montana também são “Cristãos Patriotas” ou um grupo “Constitucionalista”, e é por essas crenças que eles têm suas próprias “leis comuns” e um sistema de júri que oferece recompensa pela “prisão” de autoridades do condado. Os “Cristãos Patriotas” também não precisam obedecer as leis estadunidense que existem hoje em dia, segundo Skurdal:

Quantos dentre o povo de Israel (Adão/Raça Branca) rejeitaram a Lei De Deus e, portanto, rejeitaram (seguramente) sua “fé” em Deu, para glorificar a lei dos homens, “a sabor das leis”, aplicando para obter número de seguridade social, licença para casamento, carteira de motorista, seguro, registro de veículo, política de bem estar social, inspeções da companhia elétrica, permissão para construção civil, impostos, taxas sobre imóvel, taxaçoão de heranças... Uma vez que se tenha aplicado para obter algum desses benefícios, você voluntariamente se tornou um novo “escravo” para ser tributado de acordo com a vontade deles, pois você não é mais “livre”, i.e., um “freeman”.

**Skurdal**<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> N/A: Em Stern, Force, p. 89

No momento que escrevo esse texto, os “*Freemen*” estão sob cerco do FBI e avisam que vão defender a soberania de sua terra, por força se necessário. “Nossas ordens especial... São para que nossos policiais comunitários e os proprietários legais da terra atirem para matar qualquer funcionário público ou “Cidadão da 14ª Emenda” que forem pegos em flagrante desrespeitando a propriedade privada<sup>35</sup>”. Aqui, o “Constitucionalismo” se tornou uma licença para atirar para matar pessoas que os “*Freemen*” desprezam, apenas pelo desprezo.

Os grupos armados se opõe também a leis porque são leis de um Estado que eles abominam. Julgando pelos seus pronunciamentos e ações, as novas formas políticas propostas pelo grupo para substituir o Estado seriam tão ruins quanto aquele que desejam derrubar. A pena de morte permaneceria e a propriedade privada também seria preservada. Pessoas seriam executadas baseado em sua raça e mulheres iriam perder seus direitos. Conservação ambiental, planejamento de terra e zoneamento seriam esquecidos. O indivíduo ficaria tão livre de responsabilidades e obrigações da comunidade que o sujeito descrito pela teoria política clássica do liberalismo; aquele atomizado, focado em maximizar seu próprio interesse e egoísta, seria, por comparação, uma alma benevolente. Ao mesmo tempo, uma religião fundamentalista cristã seria estabelecida, disponível para justificar qualquer exercício de autoridade como direito divino.

### ***Christian Identity e Antisemitismo***

Para que não haja nenhuma dúvida, essa não é uma ideologia de esquerda, pessoas de esquerda não deveriam se aproximar dessa ideologia nem com EPI. No entanto, alguns podem ser ignorantes quanto ao racismo desses grupos armados e podem ter alguma simpatia por eles por se colocarem como insurgentes contra a “nova ordem mundial”. O que quer que eles – ou George Bush — entendem pela frase “nova ordem mundial” durante a Guerra do Golfo, fez florescer uma grande gama de significados que têm pouca relação a crítica de esquerda ao capitalismo e muita relação a uma nova versão do conspiracionismo descrito por Kelly. E é ponto comum na história do conspiracionismo que a elite invisível, que manipula os acontecimentos do mundo todo, é composta por judeus. Donald Ellwanger, um Patriota no estado de Washington, expressou o cenário dessa forma:

---

<sup>35</sup> N/A: Reuters, Mar. 27, 1996.

Um “Cartel de Banqueiros Britânicos” (Banco Rothschilds de Londres e Berlim) é dona de 52% das ações da instituição enganosamente nomeada de “Sistema de Reservas Federais”, que também é uma companhia estrangeira privada e controla o IRS. O IRS é a agência de cobrança privada do Sistema de Reservas Federais. O restante das 48% das ações do Sistema de Reservas Federais é de posse de subsidiários nacionais e estrangeiros de Banco de Rothschilds de Londres”

**Donald Ellwagner**<sup>36</sup>

O sistema bancário internacional controlado por judeus, e suas “agências de cobranças”, devem ser combatidas a qualquer custo, incluindo seus apoiadores dentro dos Estados Unidos, de acordo com antissemitismo típico da extrema direita, a qual esses grupos armados de filiam.

Kenneth Stern, que estuda grupos de ódio pelo Comitê Judeu Americano, diz que, apesar de muitas pessoas se juntarem inocentemente a esses grupos armados, por razões que em nada tem a ver com ódio contra judeus e negros, antissemitismo e racismo são essenciais para o movimento.

Muitos dentro do militantes e agitadores do grupos armados são antissemitas (como John Trochmann)... Seria impossível ir a um encontro de algum grupo armado dos Estados Unidos, mesmo um controlado por um grupo com nenhum histórico ou agenda antissemita, e não se deparar com literatura antissemita e indivíduos ou grupos supremacistas brancos (como Bo Gritz e o lobby antissemita “Spotlight”)... As teorias da conspiração que fundamentam esse movimento são originadas no “Protocolo dos Sábios de Sião”... que diz que os judeus estão tramando para dominar o mundo.”

**Kenneth Stern**<sup>37</sup>

Grupos armados antissemitas derivam, em muito, da “*Christian Identity*”, uma “religião” que prega que “arianos” são as tribos perdidas de Israel e, por tanto, são os verdadeiros Judeus, já aqueles que se chamam de judeus atualmente são, na verdade,

---

<sup>36</sup> N/A: Em Stern, Force, p. 84.

<sup>37</sup> N/A: Stern, Force, pp. 246–47. Stern dá um quarto motivo para o racismo e antissemitismo essenciais do movimento de grupos armados: a defesa de sistemas locais de controle são apenas “disfarces para preconceito”. Essa rasão é menos sustentável, libertários de esquerda e anarquistas sociais defendem um controle local porque entendem este como um maneira de se atingir autogoverno, não como uma forma de excluir pessoas com pessoa em etnia ou qualquer outra coisa.

enviados do Diabo – e pessoas não-brancas são “pessoas da lama”. É difícil saber ao certo quantos membros do movimento de grupos armados aderem a *Christian Identity*, mas ela é também endêmica no meio que promoveu esses movimentos de grupos armados. *Aryan Nations*, *White Aryan Resistance*, remanescentes do *Posse Comitatus*, *Christian Reconstructionists* (que advoga por uma ditadura religiosa), militantes antiaborto e Constitucionalistas compõem esse meio. Também fazem parte do meio os membros de grupos direitistas cristãos que abraçam a visão de Pat Robertson no livro “A Nova Ordem Mundial”, 1991, um livro que pretendia expor uma conspiração de elites secretas que controlam o mundo usando a ONU como sua ferramenta. Eles se chamam de Patriotas, apesar de terem pouca conexão uns com os outros, e também influenciaram bastante esses movimentos de grupos armados. Além disso, possuem um passado em comum com a Sociedade de John Birch e com o Ku Klux Klan. Os grupos armados, segundo Chip Berlet, são “o braço armado do movimento patriota<sup>38</sup>”. O conceito de “resistência sem lideranças” foi desenhado por Luis Beam, um líder e teórico da *Aryan Nations*, antigo chefe do *Texas Emergency Reserve*, um exército privado do Klan.

O antissemitismo e o racismo tem sido endêmicos deste meio desde o início de 1970, quando o neonazi californiano Richard Butler liderou um grupo do *Christian Identity* até Idaho. O outro nome de sua igreja era *Aryan Nations*. Butler dizia que as “raças” deviam viver separadas, vociferava contra o Governo de Ocupação Sionista, que segundo ele era um meio de judeus supostamente controlarem os Estados Unidos, gritava contra o plano dos judeus de dominar o mundo e construir “uma nova ordem mundial”. Ele chamava seus companheiros brancos para pegar em armas contra seus inimigos - para “eliminar” os judeus. Nas paredes do escritório que ele montou em Hayden Lake, Idaho, foram penduradas suásticas e fotos de Hitler.

Adam Parfrey, um teórico da conspiração libertário que defende esses grupos armados, concorda que vários “grupos Patriotas” são antissemitas: “a usurpação da identidade hebraica feita pelos cristão da direita realmente são uma ameaça aos judeus, já que o *Christian Identity* acredita que judeus são impostores enviados pelo diabo”. Mas ele deixa implicado que nem judeus nem ninguém deveriam se incomodar com essa ameaça:

---

<sup>38</sup> N/A: Barsamian, “Militias and Conspiracy Theories,” p. 29.

Infelizmente, o sensacionalismo com que organizações de vigilância tratam o Christian Identity e as perseguições por autoridades governamentais apenas justificam as próprias crenças persecutórias do grupo. Na minha opinião, é melhor deixar o Christian Identity quieto, da mesma forma que aqueles que aderem à ideologia da Nação Islã são livres para praticar sua religião sem serem incomodados. Constantes atritos apenas aumentam as chances deles terem uma reação violenta.

**Adam Parfrey**<sup>39</sup>

Ignorando que o antissemitismo da Nação Islã é sim muito conhecido e muito criticando, especialmente Louis Farrakahn, o motivo dos grupos serem eximidos do mesmo escrutínio para Parfrey não é claro. Ele diz que “o antissemitismo percebido na literatura conspiracionista dos grupos armados” são “em parte devido a hipersensibilidade de judeus... Presumir antissemitismo no movimento de grupos armados é um exagero<sup>40</sup>.”

Se tem alguém que pode ser apontado como fundador de um grupo armado, esse alguém é John Trochmann, que foi co-fundador do Grupo Armado de Montana em fevereiro de 1994. Apesar de Trochmann negar ser um antissemita ou racista, a ideologia que ele infundiu no grupo armado está repleto de antissemitismo. Quando perguntado sobre quem está por trás das ameaças à soberania estadunidense, ele responde “As instituições financeiras internacionais dos Warburgs e dos Rothschilds.. A *Federal Reserve* e seu presidente Alan Greenspan. Esses anticristos desses banqueiros gangster<sup>41</sup>.” Trochman tem sido um palestrante de destaque nos encontros da *Aryan Nations* e frequentou bastante esse meio, como alguém que adere ao *Christian Identity*, ele busca conectar fé e grupos armados. “Estou seguindo ordens de Deus”, ele disse a um entrevistador. “Negros, judeus, são bem vindos. Mas quando Estados Unidos se tornar a Nova Israel, eles terão que voltar de onde vieram. É a lei natural – cada um deve estar junto dos seus<sup>42</sup>.”

O antissemitismo e racismo de Trochmann são uma grande preocupação pois ele tem sido responsável pela disseminação agressiva da ideologia desses grupos armados.

---

<sup>39</sup> N/A: Parfrey, “Out of Oklahoma,” p. 63.

<sup>40</sup> N/A: Ibid., p. 67. Essas frases foram publicados na *Alternative Press Review*, um jornal editado por Jason McQuinn. Em 1992, McQuinn minimizou o número de judeus assassinados por nazista a “centenas de milhares”. “É inegável” ele disse, em uma contribuição ultrajante ao negacionistas do Holocausto, “que o Holocausto tem sido ampliado propositalmente mais do que realmente foi” (“Holocaust or Bust?” in *Anarchy: A Journal of Desire Armed*, no. 34 (Fall 1992), p. 17.

<sup>41</sup> N/A: Em Stern, Force, p. 71.

<sup>42</sup> N/A: Daniel Voll, “At Home with M.O.M.,” *Esquire* (July 1995), pp. 46–52, esp. 48.

De acordo com Kennet Stern, “de todos os grupos armados formados pelos Estados Unidos entre 1994 e 1995, a organização de Trochamnn não apenas foi a mais significativa como foi responsável para disseminação de sua propaganda pelo país<sup>43</sup>.” Seu grupo enviou uma grande variedade de livros e vídeos através de uma cara estratégia de encomenda postal e espalhou suas ideias a partir do rádio, TV e internet. Trochmann e seus associados ajudaram a construir o Grupo Armado de Michigan, o qual seu porta-voz, Mark Koernke, frequentemente elogia o Grupo Armado de Montada através de seu rádio de ondas curtas.

Na literatura que Trochamnn usa para recrutar, ele dilui sua propaganda drasticamente, falando sobre assuntos relativamente inócuos, como a Segunda Emenda. Ele assim atrai pessoas interessadas em controle de armas e os cercos de Waco e Ruby Ridge. Apenas após obter respostas positivas que ele envia a literatura de teorias da conspiração antisemitas baseadas nos Protocolos dos Sábios de Sião. Assim, muitos membros desses grupos armados podem não saber a que tipo de grupo pertencem. Aqueles que aceitam as visões racistas e antisemitas podem acabar se descobrindo não apenas em um grupo de ativistas contra o controle de armas, mas sim de um grupo de ódio racial.

## **Conclusão**

Nem todos os membro de grupos armados seguem inteiramente a ideologia racista de Trochmann, nem todos os grupos armados estão ligados a grupos de ódio. Ninguém sabe ao certo quão aceita dentro dos grupos é a ideologia do qual eles se originaram. Mas aqueles que aceitam são de fato um grupo de ódio. Parece certo dizer, dada a cultura na qual o movimento se espalhou e seus principais organizadores, que muitos deles buscam de fato voltar a uma sociedade estadunidense onde apenas homens brancos cristãos eram atores políticos.

Em um momento onde libertários de esquerda estão cada vez mais focando em estilos de vida e questões culturais, é bastante perturbador que o anti-estatismo tem sido adotado por um grupo de ódio insurgente. Nesse mesmo momento onde a esquerda foi declarada morta, a própria existência desses grupos armados torna clara a necessidade da

---

<sup>43</sup> N/A: Stern, Force, p. 74.

esquerda. Libertários de esquerda deveriam saber da existência desses movimentos e critica-los, no lugar de procurar afinidades.

Recorrer a teorias da conspiração para obter explicações é pouco eficaz, semelhante a recorrer apenas a Prozac para tratar depressão. No entanto, a própria tentação de fazer a escolha pelas teorias da conspiração é em si um sintoma. Com a escassez das teorias de esquerda, muito do trabalho que pessoas de esquerda ainda fazem é denunciar abusos e injustiças – cometidas pelo FMI e o Banco Mundial, corporações internacionais, Governo Estadunidense, CIA. Essas denúncias são indubitavelmente de grande importância e necessidade. No entanto, sem uma base teórica para analisar esses abusos, explica-los a partir de um quadro teórico racional, a tendência a teorias da conspiração e, logo, para direita pode ser incrivelmente tentadora.

Mais do que nunca, nessa era de globalização e redução de custos, uma expressão séria da tradição libertária é muito necessária para captar esse espírito de desconfiança da população em corporações e não deixar isso para reacionários. Sem essa expressão, essa potência latente continuará a ser cooptada pela direita. O fato é que a esquerda não tem nada que aprender desses paranoides racistas, não importando quão psicodélica seja a teoria da conspiração deles.

**Traduzido do Inglês ao Português por Natalia Médici.**

**Revisado e publicado originalmente em 26/10/2020 no site do Instituto de Teoria e História Anarquista.**

**Fonte: <https://theanarchistlibrary.org/library/janet-biehl-the-fallacy-of-neither-left-nor-right-militia-fever>**